Enigma da Antropologia

ROBERTO M. C. MOTTA

Há enigmas e soluções manifestos e latentes no livro de Roberto Cardoso de Oliveira.* E entre eles o supremo enigma da Antropologia, que se pode formular, de maneira muito simples (e até meio simplista), na pergunta "para que serve?", onde esbarram nossas grandes questões profissionais, o que é cultura, quais as relações entre natureza e cultura, o que é mesmo ser homem, de onde derivam e o que representam estruturas societais e ideológicas, como, por exemplo, as dos Terêna e dos Tükúna? É, na base, a questão de Edmund Leach a respeito da "coleção de borboletas". E é a questão que penetra e atormenta toda a obra de Roberto Cardoso de Oliveira e não apenas este *Enigmas e Soluções,* que recapitula seus temas principais.

Roberto Cardoso de Oliveira é, no Brasil, o grande *portador* (no sentido que os historiadores alemães conferem ao substantivo *Trager*) da Antropologia. Por causa do escopo de sua obra, mas também por tudo que vem representando para a nossa disciplina, na qualidade de "institucionalizador" (admita-se o neologismo) do ensino e da pesquisa, partindo do Museu Nacional e irradiando-se por Brasília. Pode-se dizer que seu trabalho veio absorver o que ele mesmo chamou de tensão entre os paradigmas que constituem a nossa disciplina. Sua angústia, seus enigmas confundem-se com as angústias e os enigmas da institucionalmente jovem antropologia brasileira, refletindo sobre si própria, transformando-se em antropologia de si e para si.

---

* CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Enigmas e Soluções.* Rio de Janeiro/Fortaleza: Tempo Brasileiro/Universidade Federal do Ceará, 1983, 208 pp.

Por mais forte que seja a tendência filosófica de Roberto Cardoso de Oliveira, nunca é em abstrato, jamais em nível apenas metafísico, que coloca seu questionamento. É o homem dos Terêna e dos Tükúna, da identidade, da classe e da etnia, antes de ser o teorizador de tópicos como o relacionamento entre o positivismo e a construção dos modelos. Em outras palavras, não se trata de teórico de cadeira de balanço, mas do antropólogo que pensa na teoria enquanto reflete sobre o alcance de seu trabalho de campo.

É, portanto, muito apropriado que, logo na *Introdução* (:9-29), os enigmas e soluções que permeiam todo o livro se coloquem "no caso específico da Etnologia". E logo se põe o primeiro problema, relativo à pluralidade de paradigmas de teoria e de pesquisa. A solução sugerida, para este enigma, por Cardoso de Oliveira, é a mais límpida que se poderia desejar:

> Muitas vezes... os paradigmas se completam, enriquecendo a compreensão do real; outras vezes, os resultados alcançados pela aplicação dos mesmos não se anulam mutuamente, são antes alternativos... sendo raro a ocorrência de resultados idênticos. ... Os paradigmas divergem na formulação dos problemas: o funcionalismo se interrogando sobre as relações sociais de equilíbrio e as representações de consenso, e a dialética questionando as relações de conflito e as representações de dissenso (:11-12).

É possível corroborar a hipótese epistemológica do autor com os princípios metodológicos de um autor mencionado em *Enigmas e Soluções*, Sir Karl R. Popper, para quem tudo o que se pode pedir a teorias ou paradigmas é que produzam *hipóteses testáveis*. Se, portanto, teorias de consenso e de dissenso possuem ambas referentes empíricos, não importam as incompatibilidades e o partidarismo de seus defensores. Compete à sabedoria do etnólogo reconhecer a hora e a vez para uma e para outra.

Não vou tentar resumir os capítulos da segunda parte do volume, *Dualismo*, voltados para aspectos da organização social e da ideologia dos Terêna e dos Tükúna. Vou olhar por outro ângulo, o do jovem antropólogo brasileiro que busca conciliar trabalho de campo — sem o qual, ao menos enquanto referência ou ponto de partida, não existe a profissão — com a reflexão teórica. E essa reflexão se faz durante o processo de ascenção do estruturalismo lévi-straussiano na França, na América do Norte e no Brasil. Daí, o valor dos textos enquanto significantes e significados. Ao mesmo tempo em que remetem o leitor às sociedades Terêna e Tükúna,

também o remetem à nascente sociedade antropológica brasileira e à sua articulação com a sociedade antropológica internacional. O estruturalismo é bom para pensar também sobre essa espécie de fricção interétnica representada no contacto entre intelectuais brasileiros e estrangeiros. Por tudo isso, os artigos, certamente, constituem um dos marcos importantes da história da ciência social e do pensamento no Brasil.

Os capítulos 6 e 7 abordam um dos problemas mais delicados da ciência social, qual seja, o relacionamento entre classe e etnia. Cardoso de Oliveira não é apenas autoridade brasileira sobre o tema. Desempenha papel de primeira grandeza em plano internacional, como atestam os períodos que passou no México, como professor-visitante e supervisor de pesquisa sobre identidade, contato e etnia, no "Centro de Investigaciones Superiores del Instituto Nacional de Antropología e Historia". Destes dois capítulos, englobados na terceira parte do livro, intitulada *Etnicidade*, destaco alguns conceitos decisivos.

Encaixamento de classes: a "cadeia de categorias sociais respectivamente identificadas com termos de subespécies e espécies de aves e de plantas" (:112). *O totem bom para pensar*, noção de evidente afinidade estruturalista: "bússola a orientar os indivíduos e os grupos em mapas cognitivos coletivamente construídos" (:113). E, a partir daí, dois problemas que a ortodoxia estruturalista não tem ousado enfrentar. Primeiro: "tais classificações de identidade seriam privilégio apenas de sociedades como a dos Borôro ou dos Tükúna, onde certamente elas são levadas ao limite do rigor e precisão, ou podem ser encontradas em sistemas sociais de outra ordem como os que são constituídos pela articulação de grupos étnicos entre si e entre sociedades nacionais?" (:115). Segundo: "a ilusão étnica: o encobrimento pela etnia, enquanto ideologia, das relações de classe" (:126). A solução dos enigmas encontra-se na "historização das sociedades indígenas", levando à "recuperação da História como parte de uma metodologia que vise dar conta da identidade, da etnia e da estrutura social... posta como alvo imediato do etnólogo, se quisermos alcançar progressos seguros nos estudos étnicos no Brasil" (:124).

Cada um dos cinco capítulos finais, compondo a última parte do volume, *Crítica*, mereceria análise especial. Vão do debate sobre análise combinatória na Antropologia ao enigma do "limite entre entre função social e função simbólica" (:201). São artigos previamente publicados (um em *Current Anthropology*, outro em *Tempo*

Brasileiro, os restantes no *Anuário Antropológico*), aos quais, no meio da crítica a livros e autores, o autor imprime, com discrição e sutileza, que o leitor apressado talvez não percebesse, sua própria e profunda marca teórica.

Resumir cada um desses ensaios, originalmente independentes, supera as possibilidades desta resenha, que não dispõe de espaço ilimitado. Prefiro concentrar-me no capítulo *O Positivismo e a Construção de Modelos*, que, de certo modo, sintetiza as preocupações de todo o livro. Penso que nele se encontram os rasgos essenciais da posição teórica do autor: a adoção de uma "matriz disciplinar", sem a qual não haveria Antropologia no sentido técnico da palavra; o impacto do estruturalismo, os Mauss, os Lévi-Strauss, os Leach. Porém, nunca a rendição incondicional a esse paradigma.

Movido pela fidelidade à sua vocação de estudioso do contacto interétnico, da identidade que se forma e se reforma no movimento da sociedade de classes, jamais o autor abre mão da dimensão histórica. Daí, a crítica radical a um aspecto básico do estruturalismo ortodoxo: "o privilegiamento, ou o reinado quase absoluto, da razão analítica em detrimento, quase uma anulação, da razão dialética" (:197). Pois "é na história de uma disciplina" — e na história dos contatos entre sociedades — "que temos condição de avaliar as condições e os limites de sua eficácia na construção do conhecimento" (:195).

E é por aí que, recuperando a história, o autor recupera a plenitude de sua obra e deixa abertos os horizontes de toda a disciplina. O compromisso com o real, com as fricções do real (na forma da fricção das etnias e das classes), seu movimento incessante, suas surpresas, esse compromisso nos separa da "coleção de borboletas" e dá sentido à antropologia que realiza tão admiravelmente e que está representada em boa parte por esse seu *Enigmas e Soluções*.